

O MULTICULTURALISMO E NOVOS CRITÉRIOS DE VALORAÇÃO CULTURAL

George Yúdice*

RESUMO. Visão crítica dos novos critérios de valoração cultural emergentes nos Estados Unidos dos anos 1980, sob o impacto do multiculturalismo e das políticas de identidades. Estes serão os critérios que servirão a um remapeamento da cultura estadunidense contemporânea cujo processo tem repercussões para o antes chamado Terceiro Mundo e, em particular, para a América Latina.

Este ensaio faz parte de um projeto mais amplo no qual me proponho analisar e criticar os novos critérios de valoração cultural que emergiram nos Estados Unidos nos anos 1980. Deixarei de lado comentários aprofundados sobre artistas e escritores específicos, bem como o quadro detalhado do contexto dos processos de globalização que condicionam esta reconfiguração de valores. Aqui me limitarei ao multiculturalismo estadunidense e ao que, nos Estados Unidos, se chama "política da identidade". É a partir do multiculturalismo e da política da identidade que se produz o remapeamento da cultura nacional, processo que tem repercussões, como veremos, para a representação das culturas do chamado, ou talvez antes chamado, Terceiro Mundo, e em especial, da América Latina.

Uso a palavra "remapeamento" porque o multiculturalismo e a política da identidade constituem um deslocamento, ou mesmo uma eliminação de fronteiras: não somente geográficas, mas também, e mais importante ainda, de fronteiras culturais, conceituais, institucionais, econômicas. Ao falar de deslocamento não quero sugerir que tenham sido aplainadas hierarquias e desigualdades, particularmente no que se refere às relações entre países do norte e do sul. Minha tese é que o deslocamento de fronteiras e o concomitante reconhecimento de diferenças - raciais, étnicas, de gênero e orientação sexual - circunscrevem este processo de remapeamento valorativo em um momento muito particularmente estadunidense que tende à absorção globalizante da diversidade de identidades. Por via centrípeta ou centrífuga, o multiculturalismo e a política da identidade encarnam a mesma lógica marginocentralizante que

* George Yúdice é professor da Universidade da Cidade de Nova Iorque (CUNY).

Nelly Richard criticou a respeito das desterritorializações que os centros efetuam para manter, estocasticamente, seu poder na nova economia hipermóvel das finanças, migrações e fluxos culturais. Diz Richard:

O tão comentado "nomadismo" de um poder disperso e ramificado (deslocalizado) não significa que as marcas de desigualdades tenham sido eliminadas do mapa pós-colonial (...). A rede internacional de controles e influências é a que administra o "capital simbólico" da teoria metropolitana, valorizando aquelas manobras discursivas que gozam de crédito acadêmico e institucional, de uma vinculação autorizada à cadeia das "universidades, revistas, institutos, mostras, as séries editoriais" que articulam a vigência e o sentido dos debates em curso, representando, por sua vez, seus pontos de maior condensação e densidade de signos.

Com esta crítica estou antecipando minha conclusão, mas quero deixar claro, desde o princípio, que ainda quando compartilhada, a visão democratizadora do multiculturalismo e da política da identidade estadunidenses, a projeção de seu modelo para outras latitudes corre o risco de reproduzir imperialismos culturais históricos. É necessário, pois, elucidar as condições que dão lugar a este remapeamento cultural para entender porque não se deve implantá-lo *tout court* em outras sociedades.

Começemos com um reconhecimento não-polêmico: na década de 1980 as práticas artísticas e culturais de grupos minoritários estadunidenses, historicamente subordinados quando não excluídos, começam a entrar em cena nas esferas públicas dominantes. Esta entrada ocorre depois de quase duas décadas de atividade em espaços locais, limitados a instituições alternativas dos diversos "grupos de identidade": negros, chicanos, *nuyoricans*, asiáticos, índios, feministas, *gays*, lésbicas e outros.

A história do processo que conduz a esta abertura da sociedade civil é muito complexa, sendo, contudo, necessário fazer ao menos um esboço. Ofereço uma explicação conjuntural que abarca mudanças políticas — em particular, o movimento pelos direitos civis, a revanche conservadora e o enfraquecimento do estado do bem-estar social —, econômicas — o pós-fordismo e a crise econômica do decênio de 1980 — e demográficas - as novas migrações latino-americanas e asiáticas.

O primeiro momento desta história ocorre nos anos 1960 com o movimento para a expansão dos direitos civis dos negros estadunidenses, que, por sua vez, estimulou movimentos de afirmação política e cultural entre outros grupos, sobretudo, feministas, "latinos" e *gays*. Mas a grande mudança realizada pelos movimentos dos direitos civis foi a transformação da política de acesso a bens e serviços do estado do bem-estar social. Se, por um lado, antes a sociedade civil se caracterizava pela divisão em grupos de interesse que exerciam sua política

conforme uma *guerra de manobra* (em termos gramscianos), segundo a qual as negociações políticas se inscreviam em uma hierarquia fixa, e onde as identidades se reconheciam como dadas de antemão, por outro lado, a partir do movimento pelos direitos civis, houve uma desarticulação desta hierarquia e identidades correlatas, dando lugar a um processo político (que poderia caracterizar-se, outra vez gramscianamente, como uma *guerra de posição*) onde a identidade se constitui e se redefina na contínua renegociação da legitimidade política. Assim, pois, o que ficará conhecido como "grupo de identidade" já não se define segundo traços fixados em uma estrutura desigual, mas por meio de gestões nas esferas políticas, sociais e culturais.

Apesar de novas leis contemplarem este processo de renegociação, o aspecto mais importante será o jurídico, por intermédio do qual lançaram-se leis discriminatórias. Além disso, o próprio processo jurídico se transforma, de algo que antes reconhecia e dispensava benefícios conforme um discurso de direitos universais do cidadão, em outro no qual os critérios de aplicação dos direitos voltam a ser *interpretáveis*.¹ De uma política de direitos se passa a uma política de necessidades, de interpretação de necessidades, pois, no novo contexto democratizado será a necessidade que determinará se um grupo deve receber serviços ou bens que o satisfaçam. Mas como determinar a legitimidade de uma necessidade? Cada vez mais esta determinação se baseará em um fundamento identitário: o *ethos* cultural do grupo. A partir daí a identidade se converte já não somente em atributo mas em um processo constituído na política cultural. Ou seja, a identidade — incluindo todas suas dimensões culturais — se constitui *no* e contribui *para* o processo político.

O resultado deste processo de reconhecimento de necessidades alternativas, quer dizer, que não correspondem aos grupos dominantes, é o progressivo desmantelamento das hierarquias de valores que reproduzem a hegemonia dos grupos anglófonos, angloculturais, de perspectiva masculinista e heterossexista. De uma sociedade em que o interesse político se distribuía em relação a uma hierarquia em que classe social e etnia se relacionavam de uma maneira mais ou menos fixa, se passa a uma sociedade em que uma multiplicidade de fatores de identidade terão maior importância.

Num segundo momento, nos anos 1970, os setores conservadores procuraram colocar em marcha à ré o que já havia sido conquistado pelos grupos de identidade. Estabelece-se uma luta, sobretudo cultural, pois, os grupos de identidade tinham ancorado suas demandas na legitimidade de suas diferenças culturais. Os "latinos", por exemplo, tinham conseguido instituir um sistema de educação bilíngüe que deu maior viabilidade ao estudantado latino, o que, por sua vez, ajudou a formar um corpo de docentes latinos, aproveitando assim o que outros grupos tinham conseguido no passado: usar as instituições estatais como alavanca de mobilidade social ascendente (*upward mobility*). Outro exemplo: com o tempo, em alguns estados e municípios do país, os *gays* conseguiriam redefinir a instituição da família, para assim beneficiarem-se dos serviços garantidos a casais (herdar moradia, ter direito a seguro saúde). Ao

questionar estas necessidades e redefinições, os setores conservadores intensificaram o aspecto representacional desta luta político-cultural em torno das necessidades que, por sua vez, como compreendo, se legitimam nos *ethos* cultural dos grupos de identidade.

O multiculturalismo, como ideologia mais ou menos coerente, nasce num terceiro momento, precisamente quando a direita conservadora toma o poder, com a eleição de Reagan, e se produz um apelo para a aliança entre os diversos grupos de identidade. Até então, os grupos de identidade tinham angariado a simpatia de intelectuais em postos de poder, em instituições académicas, artísticas, massmidiáticas e nas fundações nacionais e estatais de artes e humanidades. Reagan e seus asseclas começaram a dismantelar esta base, despedindo funcionários progressistas e, quando isto não era possível, reduzindo orçamentos conforme sua política de redução do estado do bem-estar social. Esta é a origem das tão comentadas guerras culturais em torno das subvenções públicas. Já a direita religiosa se encarregou de hostilizar os funcionários das instituições privadas, pois os grupos de identidade, pelo fato de serem consumidores relativamente fáceis de identificar (por exemplo, pela publicidade), tinham a solidariedade comercial da indústria cultural e do mercado consumista, que tinham negado seu aparato simbólico à reprodução dos valores de identidade. Assim, os conservadores atacaram a "libertinagem" da indústria cultural, tentando deslegitimar uma das bases da política da representação.

Além disso, é nos anos 1980 que ocorre a grande mudança nas práticas artísticas e culturais, pois, é por meio do plano da representação - sobredeterminado pelo político e jurídico, como vimos, pelo académico-intelectual, pelo mercado consumidor e meios de comunicação de massa - que a vida se transforma em prática estética (antigo sonho das vanguardas, ainda que em outro registro). As artes registram esta transformação. Talvez a mudança na *performance art*, no final dos 1970 e começo dos 1980, seja o melhor exemplo da eliminação da separação entre vida e arte, pois, a partir de então, identidade, espaço e efeito da representação convertem-se no próprio meio - especialmente o corpo - o mais importante da arte.

Antes dos anos 1980, com a exceção parcial da *performance* feminista, esta arte de teatralização cotidiana tendia à revelação metafísica através do corpo violável e sofrente (no estilo do Fluxus) ou ao exibicionismo narcisista da "minha década" ou a década do eu. Com a *performance* feminista se estetiza a política da identidade, como em Adrián Piper, Joan Jonas e nos auto-retratos de Cindy Sherman. Mas, a meu ver, a *performance* é somente a ponta do *iceberg*, somente sugere o que resulta ser o novo *american way of life*: pôr em cena a identidade, combinando cotidianidade, política e estética.

Agora, contudo, não menosprezaria esta estetização da política cultural, considerando-a mera estilização vazia, como fizeram alguns críticos marxistas, para quem a verdadeira política só pode ser mediatizada por partidos ou instâncias revolucionárias. Em uma época em que as revoluções não parecem

ser viáveis, o apelo a estas instâncias me parece demasiado otimista, para não dizer, ilusório. E, ao menos, com todas as limitações, o multiculturalismo e a política da identidade conseguiram uma abertura da sociedade civil estadunidense, um reconhecimento do valor de grupos análogos que sofrem subordinação e exclusão em outros países, entre eles, o Brasil.

Quanto às limitações desta política cultural, o grande problema é que a abertura é predominantemente simbólica, ameaçando ser, talvez, uma versão pós-moderna (heterogeneísta) do mito da democracia racial brasileira. Não houve nenhuma transformação consequente, no que se refere à infra-estrutura: economia, forças armadas, política externa, etc. Esta limitação se vê, claramente, na luta política - o ativismo artístico de certos grupos, como *Gran fury* e *Act-up* - para legitimar a participação de gays e lésbicas nas forças armadas, mas não se critica a intervenção armada em outros países. E, em outra direção, a política da identidade corre o risco de ser cooptada pela nova orientação das "diversidades" nas empresas estadunidenses. Surgiram, na última década, programas de pós-graduação em "Gerência de diversidade cultural", em que se promove a ascensão de grupos de identidade, pois, reconhece-se que, em poucas décadas, estes constituirão a maioria dos cidadãos. Isto equivale a uma abertura da sociedade civil, mas, por sua vez, a um certo quietismo, já que todo ativismo se exaure em lutas no interior de uma esfera trabalhista não-sindicalizada e que tem pouca solidariedade com outras demandas políticas, particularmente, as relações exteriores.

Quanto ao campo do estético, o maior problema foi a tendência multiculturalista de absorver e homogeneizar artistas de países periféricos, como se constituíssem outro grupo de identidade. A intenção, em muitos casos, é benévola, pois procura-se valorizar suas práticas, ainda que, frequentemente, espera-se que esta prática se ajuste a expectativas definidas, por contraste, com a arte metropolitana. Decorre daí a expectativa de que os artistas latino-americanos exibam sua indigenidade, sua negritude, seu exotismo, fenômenos que limitam o campo da representação e que menosprezam, de antemão, outras maneiras de trabalhar estes temas.

Neste sentido, o latino-americano se confunde, comumente, com o latino-estadunidense no projeto multicultural de transformar a sociedade civil norte-americana. Este projeto está "sobredeterminado"² tanto por uma nova forma de democratização cultural, baseada nas demandas de "grupos de identidade"³, como pela necessidade da cultura estadunidense de projetar-se, como se fosse "isomorfa" ao mundo, quer dizer, como microcosmo do mundo, característica que legitimaria seu *status* como única superpotência. Entre as milhares de asserções a respeito, escolho uma que vincula as artes com a pretensão de globalidade e que aparece em uma das revistas de arte pós-moderna mais "progressistas" - *High Performance*:

Os Estados Unidos se encontram no limite de uma nova fronteira - um mundo tanto interna quanto externamente,

que se encontra em fluxo e sem equilíbrio... A nova fronteira é uma complexa sociedade global que requerirá o poder da imaginação e forças da regeneração para se defrontar com seus desafios.

Para os artistas e as instituições culturais da América esta é uma época de grande oportunidade. Podemos oferecer mais que uma bandeira vistosa e um hino que apóie esta busca. Desenvolvemos nossas capacidades até agora não utilizadas como construtores de pontes, tradutores, solucionadores de problemas. Desenvolvemos a linguagem e a tecnologia da transformação (...)

América, a única "superpotência" remanescente, agora tem que aprender a operar em um ambiente de hierarquias mutáveis, instáveis e niveladas - um mundo em que a tecnologia informática, as finanças internacionais, a fome mundial, os conflitos étnicos e a perda de ozônio são só alguns dos fios que tecem a emergente tela global (...).⁴

Este eufórico manifesto multiculturalista pode ser entendido um pouco melhor se examinarmos a maneira como estão se transformando os processos de identificação nos Estados Unidos. O catálogo de uma exposição inovadora, *The decade show*, subtitulada *Frameworks of identity in the 1980s* (Marcas de identidade nos anos 1980) proclama que a heterogeneidade estadunidense é fundamental para a reconfiguração de sua cultura plurinacional:

As obras incluídas nesta exposição podem ser consideradas a evidência material de perspectivas alternativas. Muitos artistas de cor, por exemplo, com seus vínculos filosóficos, estéticos e espirituais com as sociedades pré-coloniais da África, Ásia e América, legitimam a diversidade, resistem à dominação eurocêntrica e criam uma base a partir da qual se possa analisar e explicar fenômenos sociais contemporâneos. Artistas feministas, gays e lésbicas igualmente afirmam que há outras maneiras de ver e que têm um valor igual aos ditames culturais vigentes.⁵

Para o latino-americano, como para o coreano ou o paquistanês que visita um museu norte-americano, deve ser surpreendente ver-se interpelado em exposições e afirmações como estas, conforme a uma identidade que não corresponde ao de sua própria sociedade. O multiculturalismo estadunidense encarregou-se de "emancipar" todo sujeito de Terceiro Mundo mediante a contestação do "branco" e do eurocentrismo.⁶ Baseando-se na reivindicação da "diferença", este multiculturalismo acaba, paradoxalmente, homogeneizando uma diversidade de subjetividades, pois, em grande parte se definem de maneira reativa.

MULTICULTURALISMO E VALORIZAÇÃO CULTURAL

Trata-se portanto de uma dicotomia desmentida pela complexidade das mesmas relações transnacionais que contribuíram para a criação do multiculturalismo, que acaba simplificando questões de identidade. Se antes era esperado que o latino-americano representasse seu surrealismo nato à Carpentier ou seu realismo maravilhoso, seu primitivismo ou macondismo, hoje em dia, pede-se que se converta em um quase chicano ou latino. A ironia é que cada vez mais são os intelectuais e artistas latino-estadunidenses que conseguem cargos nas universidades, fundações, museus, etc, com o propósito de rearticular os critérios de seleção e valoração, e que procuram inverter a desigualdade de classe que os diferencia de suas contrapartes latino-americanas, pertencentes à classe média, acostumadas à subordinação dos operários, camponeses, "cabecitas negras", "cholos", etc, precisamente os antepassados da maioria dos latinos. Sendo a partir daí que se produz o embate entre o apego ao vernáculo pelos artistas latinos e a sofisticação estética segundo padrões internacionais pelos artistas latino-americanos. Tomás Ybarra Fausto, diretor associado do Programa de Artes e Humanidades da Fundação Rockefeller, um dos intermediários estadunidenses mais influentes, afirma o seguinte, depois de considerar a abertura que foi dada a artistas e intelectuais latinos na América Latina, sobretudo no México:

Para falar com franqueza, o interesse (no latino) está muito circunscrito e pode ser uma forma de manipulação política. Entre intelectuais mexicanos, há pouco verdadeiro interesse pela cultura chicana. Realmente, existem um preconceito classista e um chauvinismo cultural que negam a contribuição das minorias estadunidenses e das mulheres. O problema surge do fato de que a maioria dos intelectuais latino-americanos que têm relações com os Estados Unidos provêm das elites (escritores, artistas, cientistas sociais, etc) e têm dificuldade em compreender os intelectuais estadunidenses minoritários de ascendência operária. E mais ainda, quando se trata de questões-chave como o idioma, custa aos latino-americanos, por exemplo, entenderem o mar hispanglês como aceitável e até positivo e não um sinal de falta de cultura.

Outro intelectual chicano, crítico de arte e cinema e assessor para vários museus importantes, queixa-se de que as experiências artísticas e intelectuais criadas por chicanos e outros latinos - como *border culture* ou cultura fronteira - sirvam para organizar exposições que dão preferência a artistas latino-americanos. Em uma crítica à recente e muito controversa Bienal do *Whitney Museum of American Art* - na qual se abandonaram critérios estéticos de seleção, o que corresponde à democratização de políticas de exposição mas, por outro lado, prejudica artistas minoritários que prefeririam que suas obras se inscrevessem e se confrontassem com a arte tradicional - se opõe fortemente a

que o museu se abra à arte internacional, particularmente a latino-americana, pois teme que os latino-americanos continuem sendo favorecidos em detrimento dos chicanos. "Têm havido muitas indicações de que o Whitney está se movendo na direção de expor arte não-americana. O uso do conceito de "fronteiras" proporciona um passo intermediário para a abertura à arte internacional, especialmente a latino-americana. Para os artistas latinos, trata-se de uma ponta-de-lança demasiado conhecida e que foi usada para deixá-los fora da cena".⁷ Semelhantemente, em um encontro-exposição recente, de que participei, um grupo de artistas e estudantes chicanos protestou que o evento - organizado em torno de "encontros" e "deslocamentos" entre o norte e o sul - não incluía artistas chicanos, ainda que se tratasse do tema de fronteiras. Quer dizer, reclamava que os artistas chicanos não eram levados em conta em uma atividade e uma reflexão sobre encontros entre Estados Unidos e América Latina, apesar de sua própria cultura emergir de tais encontros.

Para concluir, o que fazer diante das tendências globalizadoras do multiculturalismo e a política de identidade estadunidenses? Rechaçá-las por completo, parece-me um erro, não apenas porque inibiria a inclusão dos latinos em exposições nos Estados Unidos ou subvenções de fundações estadunidenses. Com todos os problemas que acarreta, parece-me que a relativa democratização da sociedade civil foi positiva. Todavia, tomar estes movimentos como modelos na América Latina, poderia ser ainda pior. Entre estas duas opções não-recomendáveis, penso que o multiculturalismo poderia servir de estímulo para a crítica das sociedades civis latino-americanas, particularmente hoje em dia, quando os estados nacionais, que estão reduzindo um setor público já débil, merecem ser postos em causa. Mas, como notou Néstor Garcia Canclini em recente trabalho, o desafio é enorme: "Articular os grupos atomizados em uma sociedade civil viável que, por sua vez, pensem, a partir dela, novas maneiras de reanimar as economias".

Evidentemente, desta última tarefa econômica não se podem incumbir as artes, mas vemos que se poderia propor, no que diz respeito à primeira possibilidade, ajudar a articular o que Ernesto Laclau e Chantal Mouffe chamaram de "antagonismos democratizantes" (ou grupos atomizados, nas palavras de Garcia Canclini). Creio que uma estratégia particularmente frutífera pode ser a que empreenderam Gerardo Mosquera e seus colegas na exposição *Ante-América*, organizada a partir de uma perspectiva do sul, mas com a colaboração de multiculturalistas estadunidenses que não têm pretensões globalizantes. Trata-se de outra maneira de articular as diferenças, não é um projeto estadunidense, no qual as diferenças se canalizam para a definição do "americano" (sic). No lugar de um projeto nacional que pretende ser global, *Ante-América* se pensa transnacional, desde o início, e não a partir de um *ethos* particular local, reconhecendo, por sua vez, as diferenças que atravessam fronteiras. Até inclui artistas estadunidenses como Melvin Edwards, que expressa plasticamente sua "americanidade" a partir de uma africanidade, não pura como em certos afrocentrismos estereotipados, mas rearticulada em

bricolagens compostas de objetos que provocam ressonância de experiências históricas. Em seu trabalho, como no de outros artistas, há um confronto com diversas experiências americanas, mas não se elege nenhuma delas para a partir da mesma homogeneizar o conjunto. Este multiculturalismo, que não pretende resumir e reproduzir todo o mundo, deve ser um exemplo instrutivo para os estadunidenses. E além do fato de ser um projeto idealizado a partir do sul, parece-me que sua contribuição mais valiosa é a formação de uma esfera pública transnacional, a partir da qual se pode exercer uma crítica a todas as sociedades civis particulares.

(Tradução: Denilson Lopes)

NOTAS

- 1 - Agnes Heller explica que a sociedade civil se define como o conjunto de grupos que se auto-atribuem, por um lado, necessidades e, por outro, demandas que reconheçam e se satisfaçam (1993, 26). Nancy Fraser e Martha Minow, por sua vez, delineiam o processo mediante o qual a ênfase nas necessidades conduz forçosamente a uma política de sua interpretação (caso sejam necessidades legítimas ou não). Observar Nancy Fraser, "Women, Welfare, and the Politics of the Need Interpretation, em *Unruly Practices: Power, Discourse and Gender in Contemporary Social Theory* (Minneapolis: University of Minnesota Press, 1989, 144-60) e Martha Minow, "We, the Family: Constitutional Rights and American Families" em *The Constitution and American Life*, org. por David Thelen (Ithaca, NY: Cornell University Press, 1988, 319).
- 2 - Freud usou o termo para explicar como as formações do inconsciente (sintomas e sonhos) podem atribuir-se uma pluralidade de fatores determinantes. Segundo Laplanche e Pontalis, uma formação sobredeterminada é constituída por uma "multiplicidade de elementos inconscientes que podem organizar-se em diversas seqüências significantes, cada uma com sua coerência particular em um nível dado de interpretação" (1972, 292-93).
- 3 - Para um exame dos problemas de identidade, no que se refere à arte latino-americana, ver RAMIREZ, M. C.: 1992, 60-68.
- 4 - "The U.S. stands on the edge of a new frontier - a world both home and abroad, that is in flux and out of balance... The new frontier is a complex global society that will demand the power of the imagination and the forces of regeneration to meet its challenges.

For America's artists and cultural institutions this is a time of great opportunity. We can offer more than a colorful banner and a theme song in support of this quest. We bring our untapped capacities as bridge builders, translators and problem solvers. We bring the language and technology of transformation (...)

America, the lone remaining "superpower", must now learn to operate in an environment of shifting, toppling, and even flattening hierarchies - a world where information technology, multinational finance, world famine, ethnic conflict and ozone depletion are but a few of the interconnecting threads in the emerging global fabric (...)

While we were watching the transformation of the world on CNN, the U.S. has undergone a metamorphosis as well. The dramatic shift in population from north/east to south/west, the move from an industrial service- and information-based economy, the ongoing deterioration of our human services, education and public works infrastructures, our wide-spread political disaffection, and our emergence as the globe's first truly multicultural society, are but a few indications of the monumental changes taking place." (CLEVELAND, W.: 1992, 84-5).

- 5 - "The work included in this exhibition may be seen as material evidence of alternate viewpoints. Many artists of color, for example, in their philosophical, aesthetic, and spiritual linkages to the precolonial societies of Africa, Asia, and America, legitimize diversity, resist Eurocentric domination, and create a foundation from which to analyze and explain contemporary social phenomena. Feminist, gay and lesbian similarly affirm that there are other ways equal to existing cultural dictates".
- 6 - Para uma análise da política cultural referente ao "branco" em um contexto multicultural, ver YÚDICE, G.: a sair.
- 7 - Comunicação pessoal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANCLINI, Nestor Garcia. "Uma modernização que atrasa". Mimeo, s.d.
- CLEVELAND, William. "Bridges, Translations and Change: The Arts as Infrastructure in 21st Century America", *High Performance*, Outono 1992, 84-85
- . "The Decade Show: Frameworks of Identity in the 1980s" (catálogo), Museum of Contemporary Hispanic Art (May 16 to August 19, 1990), The New Museum of Contemporary Art (May 12 to August 19, 1990), The Studio Museum in Harlem (May 18 to August 19, 1990).

MULTICULTURALISMO E VALORIZAÇÃO CULTURAL

- FRAUSTO, Tomás Ybarra. "The Chicano Moviment in a Multicultural/Multinational Society" em YUDICE, George, FRANCO, Jean e FLORES, Juan. *On Eddge: The Crisis of Contemporary Latin American Culture*. University of Minnesota Press, Minneapolis, 1992.
- HELLER, Agnes. "A Theory of Needs Revisited", *Thesis Eleven*, 35, 1993.
- LAPLANCHE e PONTALIS. *The Language of Psychoanalysis*. Norton, New York, 1972.
- MOSQUERA, Gerardo, PONCE DE LEÓN, Carolina e Weiss, Rachel (orgs.). *Ante América, Regarding America*. (catálogo) Biblioteca Luis-Angel Arango, Bogotá, 1993.
- RAMIREZ, Mari Carmen. "Beyond 'the fantastic': Framing Identity in U.S. Exhibitions of Latin American Art", *Art Journal*, Inverno 1992, 60-68.
- RICHARD, Nelly. "Los delineamientos des saber académico; líneas de fuerza y puntos de fuga". Ponencia presentada en la Primer Encuentro de la Red Interamericana de Estudios Culturales, 4 de mayo de 1993.
- YÚDICE, George. "We are NOT the World", *Social Text*, 31/2, 1992.
- . "For a Practical Aesthetics", em ROBBINS, Bruce (org.) *The Plantomm Public Sphere*. University of Minnesota Press, Minneapolis, 1993, 209-33.
- . "Neither Impugning nor Disavowing Whiteness Do a Viable Cultural Politics Make: The Limits of Identity Politics" em *We are NOT the world: U.S. Identity Politics in a Global Context*, a sair.

RÉSUMÉ

Vision critique des nouveaux critères d'évaluation culturelle apparus aux États-Unis des années quatre-vingt, sous l'impact du multiculturalisme et des politiques de l'identité. Ceux-ci seront les critères utilisés pour recartographier la culture nord-américaine contemporaine et ses résonances dans le Tiers-Monde, particulièrement en l'Amérique Latine.

ABSTRACT

A critical view is presented of new criteria of cultural valuation emerging in the United States of the 80's, under the impact of multiculturalism and of the politics of identity. These criteria are used to orient a remapping of North American contemporary culture. This process has implications for what was previously referred to as the Third World, and in particular, Latin America.

(Recebido para publicação em outubro de 1993)

